

Fronteiras da comunicação e da educação

Edivaldo Pereira Lima

Faculdade de Comunicação Cásper Líbero (São Paulo)

Um amplo fórum de debates da realidade brasileira — e até certo ponto latino-americana — pertinente ao universo da comunicação e da educação. Este é o qualificativo mais preciso para representar a realização do VIII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em Itaipu, São Paulo, entre 4 e 8 de setembro último. Com este evento a INTERCOM — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação — confirma seu papel de contribuir para o avanço dos estudos científicos da comunicação, servindo como centro aglutinador dos esforços acadêmicos neste complexo, importante segmento do saber humano.

O VIII Ciclo, tendo como tema central “Comunicação e educação: caminhos cruzados, hoje e amanhã”, desdobrou-se em conferências, comunicações livres, comunicações coordenadas e sessões plenárias, abordando um extensivo número de temas específicos, girando em torno da proposta básica do evento, apresentando todos eles a característica de servirem de avaliação da experiência brasileira no setor e de definição de rumos, no momento em que a sociedade civil brasileira retoma os destinos do país e parte para a construção de um modo de vida democrático e participativo. Daí, o caráter pluralista do encontro, servindo de porta-voz aos diferentes segmentos de pesquisadores, professores e estudiosos que se debruçam sobre a questão. O VIII Ciclo também foi apoiado, para sua realização, pelo INEP-MEC, CNPq e pela Unesco.

Na conferência que marcou a abertura do Ciclo, o ministro da Cultura, professor Aluísio Pimenta — por sinal, também sócio da INTERCOM —, destacou justamente que a temática desta oitava reunião anual de estudos da entidade inseriu-se “diretamente na problemática da comunicação diante da transição democrática que constitui nosso momento histórico atual e, por isso mesmo, fala de *Caminhos cruzados*, entre as inquietações do hoje e as esperanças e perspectivas para o amanhã”. Indo mais além, o ministro manifestou sua confiança de que a INTERCOM, ao cruzar os caminhos da educação e da comunicação, “está contribuindo de maneira decisiva para a explicitação de um conhecimento e para a indicação de práticas que se transformarão, de imediato, em subsídios fundamentais para o Ministério da Cultura, que emerge e se organiza neste alvorecer da Nova República.”

Discutindo “A questão da comunicação nas Faculdades de Educação e a questão da educação nas Escolas de Comunicação”, os professores Pedro Goergen — da Faculdade de Educação da Unicamp, e José Marques de Melo — da Escola de Comunicações e Artes da USP, em sua conferência conjunta, enfatizaram de um lado a urgência de os educadores aproveitarem

mais sistematicamente os conhecimentos e técnicas acumulados pela área de comunicação. De outro, refletiram sobre a constatação histórica de que há ausência de educação nas Escolas de Comunicação. Para o professor Goergen, a compartimentalização da universidade brasileira é a grande responsável pelo distanciamento da própria comunicação, gerando o isolamento dos diferentes segmentos do mundo universitário. E na visão do professor Marques de Melo, a ausência do processo educativo nas Escolas de Comunicação deverá ser vencida através do aperfeiçoamento do corpo docente, da integração do estágio ao processo pedagógico, do desenvolvimento de um projeto acadêmico nas universidades, encampado pela administração superior e da articulação da escola com o mundo concreto.

Apropriada ao momento histórico que vive o país, a conferência “Presença dos meios de comunicação na Escola: Utilização pedagógica e preparação para a cidadania”, do professor Cipriano Carlos Luckesi — Universidade Federal da Bahia — apresentou como tese primordial o raciocínio de que a cidadania — a posse plena dos direitos e o exercício dos deveres por todos os membros de uma sociedade, na definição do conferencista — ainda permanece um ideal e deve ser conquistada. Neste âmbito, “a escola pode ser um instrumento do processo de transformação social”, possibilitando ao educando “a apropriação do conhecimento e das habilidades necessárias para uma vida social mais digna”. E é no processo pedagógico da apropriação do conhecimento que os meios de comunicação podem desempenhar um imprescindível papel de mediador da realidade, na medida em que registram e transmitem o acúmulo de conhecimentos já produzidos pela humanidade.

AS COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Enquanto as conferências primavam por um escopo amplo, mais generalizado, as comunicações coordenadas prestaram-se ao debate de experiências e situações particulares. Foi este o caso de “Recepção crítica dos meios de comunicação — Projetos em desenvolvimento na Escola”. Despertou grande interesse, neste painel, a experiência do Serviço à Pastoral da Comunicação das Edições Paulinas, que desde 1982 trabalha junto a algumas escolas de 1.º e 2.º graus em São Paulo, tendo como embasamento teórico a proposta pedagógica e comunicacional de Paulo Freire. Outro destaque foi o trabalho similar que vem sendo realizado, no Rio de Janeiro, pelo Centro de Tecnologias Educacionais da Secretaria Estadual de Educação.

A mesma questão da leitura crítica de uma mensagem — mas aqui, presente nas obras de arte — coube ao painel “Arte e educação”, que trouxe como contribuição evidenciar a inter-relação entre arte, educação e comunicação. Como proposta, surgiu do painel a ênfase em se estimular o intercâmbio entre essas três áreas e o alerta à necessidade da interdisciplinaridade dos cursos nas universidades e escolas de 1.º e 2.º graus. A questão da interdisciplinaridade no ensino da comunicação foi também proposta pelo grupo debatedor como opção temática para o IX Ciclo de Estudos, que acontecerá em São Paulo, entre 3 e 7 de setembro de 1986.

Prosseguindo na mesma tecla da leitura crítica, o painel “O jornal na escola — Da leitura dos jornais ao jornal escolar” enfatizou a elaboração do jornal de uma comunidade pedagógica como sendo um exercício de cidadania, na medida em que dá voz à comunidade, enquanto grupo, e abre espaço para a criatividade, assim como para a leitura crítica dos meios de comunicação.

Enquanto o livro didático suscitava propostas alternativas para o combate ao impasse do mercado livreiro — dividido entre a resistência à mudança e a necessidade de competir —, sugerindo, entre outras medidas, a

organização dos consumidores de livro didático (incluindo entre esses os órgãos compradores estaduais e federais) para reivindicar a melhoria do material editado, os órgãos laboratoriais das Escolas de Comunicação, discutidos em painel, deram margem a um bom número de propostas visando à melhoria de seu aproveitamento didático. Entre estas, o reforço à necessidade de integração das três áreas de habilitação em comunicação social, a produção de veículos-laboratórios que aproveitem os vazios profissionais existentes no mercado de trabalho, como preparo dos alunos aos nichos ainda não aproveitados de maneira tradicional, a fomentação do ensino básico tanto da língua portuguesa quanto das informações de ordem geral que visam à criação do embasamento geral do aluno e o delineamento do perfil do profissional que as Escolas de Comunicação desejam formar.

Ao lado do enfoque dos veículos de comunicação coletiva tradicionais, três dos painéis voltaram-se ao acompanhamento da nova mídia eletrônica que passa a ser empregada nas escolas. "Educação e novas tecnologias", por exemplo, trouxe como moção à plenária do VIII Ciclo o incentivo ao incremento do uso das novas tecnologias, pois possibilitam mais facilidade e rapidez no acesso às informações para a educação. O painel que discutiu o vídeo-cassete serviu para revelar a bem-sucedida experiência do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo, que produz e fornece vídeo em VHS para as escolas particulares. Também experiências felizes foram destacadas na área de introdução do microcomputador à escola. Uma delas é o uso do computador na educação de crianças excepcionais, na Unicamp, recurso empregado para a criança explorar seu conhecimento espacial, trabalhando conceitos de linguagem e geométricos.

Outro projeto com bons resultados é o Educon, gerado na Secretaria de Informática e que mediante o uso do Logo — linguagem de computador especializada para educação, inspirada em Piaget — volta-se para o atendimento às crianças normais. O computador pode ser utilizado, neste último caso, tanto em instrução programada, como transmissão de informação, quanto como ferramenta de auto-aprendizagem da criança.

Fiel a seu propósito de também anteceder, com debates, a introdução de novos meios aos processos de comunicação, o VIII Ciclo teve em um de seus painéis um momento profícuo de discussão sobre a possibilidade da Universidade Aberta no Brasil. Os cursos de atualização ou de reciclagem seriam os que mais se prestariam ao ensino à distância. Enriqueceu o painel o depoimento sobre a bem-sucedida experiência argentina, através de duas universidades e sobre os dois projetos administrativos pela Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, um voltado ao atendimento de professores universitários que não têm oportunidade de realizar estudos pós-graduados, outro destinado ao aperfeiçoamento do magistério de 1.º grau.

Acompanhando esta trilha de aproveitamento dos meios de comunicação na tarefa educativa, o painel que debateu a experiência brasileira com o rádio educativo criticou a excessiva centralização das programações, sem o necessário enfoque regional e sem a linguagem adequada aos diferentes segmentos do público para os quais se destinam as programações. Como proposta, o painel enfatizou a necessidade de extensão do ensino de rádio ao 2.º grau e a utilidade da formação de grupos de estudos para a implantação de emissoras comunitárias. A mesma postura de se incentivar a implantação de emissoras alternativas — mais direcionadas às necessidades de seu público específico — esteve presente no painel que discutiu a televisão educativa.

No outro lado da moeda, um dos painéis discutiu a educação como tema do noticiário jornalístico, entendendo como pertinente ao processo educativo a veiculação de informações que também propiciem o aumento da cultura

científico-tecnológica da população, principalmente dos jovens. É em meio a este contexto que despertou interesse o relato da experiência da Universidade de São Paulo, através de sua Coordenadoria de Atividades Culturais, produzindo tanto noticiário breve quanto reportagens jornalísticas em profundidade sobre as pesquisas em desenvolvimento nos mais diferentes campos científicos trabalhados pela USP. Essas reportagens são encaminhadas aos veículos de imprensa para publicação e ao mesmo tempo em que contribuem para a expansão do contínuo processo educativo dos receptores de suas mensagens, prestam-se ao trabalho paralelo de formação de uma nova mentalidade, junto aos novos e jovens jornalistas formados pela Escola de Comunicações e Artes da USP, quanto ao tratamento dos temas científicos.

A questão do ensino de jornalismo foi ainda mais ampliada no painel que discutiu este tema, em particular, trazendo como subsídios a posição clara de que falta ao país um projeto atualizado de ensino de jornalismo. Este projeto deve envolver desde a definição do profissional que se quer formar até o estabelecimento dos campos de fundamentação do currículo de comunicação, passando por aspectos como as especificidades regionais de caráter sócio-econômico-cultural, a formação e seleção de professores e a necessidade de se equipar escolas com laboratórios.

Quanto às questões de ensino de relações públicas, publicidade e propaganda, também discutidas em painéis, as colocações navegaram muito próximas às mesmas constatações na área de jornalismo. No caso de publicidade e propaganda, os participantes enfatizaram explicitamente a necessidade de se determinar uma pedagogia para o ensino na área. No caso de relações públicas, a ênfase maior recaiu também sobre a necessidade de as universidades apoiarem o aperfeiçoamento do corpo docente, através de bolsas de estudos, por exemplo e sobre o caráter indispensável de maior articulação da área com os outros segmentos profissionais da comunicação, aproximando-se do conceito de comunicação integrada.

Todas essas questões puderam também ser debatidas no painel sobre a implantação do novo currículo de comunicação. Para os debatedores, é imprescindível que se crie um fórum para refletir de forma constante a implantação do currículo, trabalho a ser incentivado também através das trocas de informações freqüentes entre as escolas de comunicação.

AS COMUNICAÇÕES LIVRES E O ENCERRAMENTO

Destinadas ao enfoque aberto de temas não-previstos nas sessões de debates, as comunicações livres traduziram-se por representar contribuições adicionais à questão dos caminhos cruzados entre comunicação e educação, ou mesmo algo fora da temática central. É o caso do trabalho que coloca reflexões sobre a questão do público de televisão no Brasil, ou do que examina a prática fotográfica nas classes subalternas. Alguns deles aproximam-se mais do tema central, como por exemplo quando tratam do estudo dos meios de comunicação como fontes para a pesquisa histórica ou quando consideram o ensino da comunicação no nível técnico-secundário.

Com a posse da nova diretoria da INTERCOM para o biênio 1985/87 — presidida pelo professor Francisco Gaudencio Torquato do Rego, da USP — e com a palestra do secretário de imprensa e divulgação da Presidência da República, jornalista Fernando César Mesquita, sobre “A comunicação na Nova República”, foi encerrado o VIII Ciclo, que contou com participantes de vários Estados brasileiros e mais alguns países sul-americanos. O Ciclo Intercom/86 já tem tema central definido: “Comunicação para o desenvolvimento”, devendo se realizar na cidade de São Paulo.